



50LAYERS

50 camadas de uma revolução

Sérgio Gomes | CEAACP - Universidade de Coimbra | sergiogomes@uc.pt | Cristina Gameiro | UNIARQ | gameiro.cristina@gmail.com | Teresa Silva | Investigadora independente | teresasilva72@gmail.com

Apresentação: problemáticas de pesquisa, equipa e apelo à participação

Que mudanças trouxe o 25 de Abril de 1974 à Arqueologia portuguesa? De que forma as transformações na prática arqueológica ao longo dos últimos 50 anos estão relacionadas com a evolução do regime democrático? Como pode a Arqueologia contribuir ativamente para a consolidação das liberdades, da justiça social e de uma comunidade mais plural? O 50LAYERS centra-se nestas questões, propondo-se promover um debate sobre o papel da arqueologia enquanto ciência e prática social, e convidando à reflexão sobre as continuidades e ruturas que atravessam a disciplina desde 1974.

Apresentado no concurso "O 25 de Abril e a democracia portuguesa", promovido pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e a Estrutura de Missão para as Comemorações do quinquagésimo aniversário da Revolução de 25 de Abril de 1974, o projeto 50LAYERS – 50 camadas de uma revolução: a Arqueologia Pré-histórica depois do 25 de abril de 1974 (2023.10940.25ABR) – encontra-se sediado na UNIARQ, contando com a parceria do CEAACP e do CITCEM. A equipa integra doze investigadores/as e cinco consultores/as

de quatro Universidades (FLUP, FLUC, FLUL e FCHS-UALG), do Museu do Côa e do Museu Nacional de Arqueologia. É um grupo que reúne diferentes gerações: desde quem cresceu na década de 1980, com memória viva das mudanças trazidas por Abril, até investigadores/as que nasceram já em democracia. A par disto, as atividades que propomos são abertas à comunidade, sendo a participação dos diferentes profissionais de arqueologia um pilar fundamental no seu desenvolvimento. Com efeito, ainda que centrado na arqueologia pré-histórica, aborda questões que são transversais a todas as áreas de pesquisa.

O 50LAYERS é, como veremos nas atividades que pretendemos desenvolver, um projeto aberto à colaboração de todos/as, procurando promover um diálogo entre o passado e o presente, a ciência e a cidadania, e tantas outras camadas com que diariamente fazemos arqueologia. As imagens que acompanham este texto são o reflexo desta abertura do projeto à participação da comunidade. Agradecemos à Teresa Silva a partilha das suas fotografias relativas às inúmeras atividades realizadas por um grupo de alunos de arqueologia da FLUP – a Pró-Associação Côa Vivo – no âmbito da luta pela defesa da preservação das gravuras.







(Página anterior) Cordão humano nas Pedreiras do Poio, realizado durante o “Mega-Acampamento”, em Foz Côa, nos dias 10 a 12 de abril de 1995.

A construção de uma barragem ameaçava destruir as recém-descobertas “gravuras do Côa”, um singular conjunto de arte rupestre ao ar livre, do período paleolítico. A imprensa noticiava o “escândalo”, investigadores defendiam o seu enorme valor científico. Em fevereiro de 1995 os estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto juntavam-se a esta causa. De uma reunião para discutir o assunto, nasce um grupo informal, o “Côa Vivo” que, entre outras iniciativas, organizaram este acampamento, em conjunto com a direção e associação de estudantes da Escola Secundária de Foz Côa, com Associação de Preservação das Gravuras Rupestres e com Associação Olho Vivo. Nele se juntaram cerca de 2000 estudantes de todo o país (do secundário e universitários) defendendo a paragem da construção da barragem e a criação de um parque arqueológico. Os jovens acreditavam que a preservação das gravuras rupestres constituía uma oportunidade de desenvolvimento local e regional muito maior que a construção de uma barragem.



Parecia uma luta impossível de ganhar: a barragem já estava a ser construída, a população de Foz Côa batia-se em discussões ferozes, que opunham os mais jovens a grande parte dos adultos, uns pelas gravuras e outros pela barragem; o país dividia-se também entre os defensores do “progresso” e os defensores do património. Dizia-se que esta barragem era um ponto chave para a concretização de um oculto plano hidrológico nacional, que havia grandes interesses na sua construção e, na política, a questão opunha direita e esquerda. Em fevereiro, o então Presidente da República, Mário Soares, havia visitado as gravuras, assumindo-se como um simpatizante, enquanto o governo do PSD, liderado por Cavaco Silva, não considerava suspender a construção da barragem. Surgiam declarações públicas e notícias que causavam indignação e instigavam à luta: um reconhecido homem da cultura do nosso país afirmava que as gravuras eram uns “gratujos horrendos”, o então Secretário de Estado da Cultura dizia que pareciam “desenhos feitos por crianças”, sugeria-se cortar as gravuras e colocá-las num museu, estudos encomendados pela EDP concluíam que as gravuras tinham apenas centenas de anos...



(Página anterior)

Vaca em chamas em teatro de rua organizado em Foz Côa durante o mega-acampamento. Liderado pelo encenador Luís Cruz, um grupo de teatro congregando jovens de várias escolas preparou um espetáculo de rua, inserido num conjunto de atividades do “mega-acampamento” que incluía ainda um concerto onde atuaram gratuitamente vários artistas e bandas, entre os quais, os Cosmic City Blues ou os Black Company, cujo título do seu principal êxito tinha dado origem ao slogan “As Gravuras Não Sabem Nadar”.

A tensão que se sentia na população local e no país marcou intensamente esses dias de acampamento. A organização temia o boicote, falava-se até na possibilidade de ocorrerem atentados à bomba e, à cautela, o poste de abastecimento elétrico ao concerto foi vigiado toda a noite.

Atividades: Ciência de dados, IA, workshops, inquérito e exposição

O projeto estrutura-se em três conjuntos de atividades. O primeiro consiste na aplicação de técnicas de ciência de dados à análise de narrativas escritas em arqueologia pré-histórica. O objetivo é identificar padrões discursivos partilhados por diferentes autores e questionar o seu significado político e epistemológico, procurando compreender continuidades e ruturas entre os períodos da ditadura e da democracia. O segundo centra-se na realização de quatro workshops temáticos, dedicados a tópicos centrais da prática arqueológica contemporânea: educação, igualdade de género, descolonização e perspetivas de futuro. Estes encontros são oportunidades de reflexão crítica e partilha, reunindo a comunidade arqueológica em torno de desafios que dizem respeito a todos/as profissionais de arqueologia.

O terceiro conjunto de atividades tem como objetivo a realização de uma exposição integrada nas comemorações dos 50 anos da Revolução de Abril. Esta exposição irá reunir 50 objetos que evocam, de forma simbólica a relação entre Arqueologia e Democracia. Mais do que destacar grandes descobertas científicas, pretende-se dar visibilidade a experiências, memórias e práticas do dia-a-dia que refletem a convergência entre os ideais de abril e a liberdade de fazer arqueologia.

A seleção dos objetos será feita a partir de um processo participativo aberto à comunidade arqueológica, que assenta num inquérito composto por duas partes. A primeira parte recolhe informação sobre o modo como arqueólogas e arqueólogos reconhecem e integram a dimensão política da sua atividade profissional. A segunda parte do inquérito convida cada participante a propor um objeto que represente, do seu ponto de vista, uma ligação significativa entre Arqueologia e Democracia. Este objeto pode ser uma peça arqueológica, um utensílio de trabalho, uma fotografia, um livro, um documento... qualquer elemento que invoque uma experiência, um momento de mudança, uma luta ou uma convicção que relacione, à escala pessoal, a prática arqueológica e a liberdade. Todas as propostas integrarão um catálogo digital, que funcionará como um arquivo da pluralidade de olhares e percursos dentro da Arqueologia portuguesa dos dias de hoje. Deste conjunto será feita a seleção dos 50 objetos que integrarão a exposição.





PAREM A BARRAGEM DO COA, JAI

(Página anterior)

Colocação de uma faixa da Ponte D. Luís, no Porto, com a mensagem “Parem a Barragem do Côa. Já!”, em outubro de 1995, iniciativa conjunta do “Côa Vivo” de Letras, “Capuchinho Vermelho” de Belas-Artes e “Dínamo” de Ciências.

Esta foi a última ação dos estudantes universitários do Porto, na altura em que já se esperava a suspensão da barragem. Encerrava um ano de luta que, para além das manifestações e acampamento no Côa, incluiu a redação de cartas e comunicados, a participação em debates, a tomada de posição em assembleias gerais de alunos e encontros nacionais de estudantes, a participação “intrusiva” no cortejo das Queima das Fitas com distribuição de panfletos e uma barragem em pano, a colocação de uma faixa na Serra do Pilar, na noite de S. João, com o santo a dar com o martelo na barragem, entre outras ações cuja organização enchia os dias dessa primavera, verão e outono de 1995. Ao mesmo tempo que participava na organização dessas ações, a autora destas fotografias registava, a preto e branco, alguns desses momentos. Atualmente, estas imagens que são uma amostra dos registos efetuados, fazem parte do arquivo do Côa Vivo que, em 2006, foi doado ao Museu do Côa.

Esta luta por um bem cultural, inédita na história da democracia portuguesa, teve um final feliz, quando em janeiro de 1996 o recém-empossado governo de António Guterres tomou formalmente a decisão de suspender a construção de uma barragem cujo paredão já se encontrava brutalmente entrosado na paisagem.

Esta luta correspondeu a uma enorme mobilização que envolveu toda a sociedade portuguesa, incluindo estudantes de todo o país, investigadores, gente da cultura, políticos e jornalistas... Inverteu a decisão de construção de uma grande obra pública que teria submergido o maior conjunto de arte rupestre paleolítica ao ar livre do mundo. Pouco tempo depois classificado como Património Mundial, reconhecido por toda a comunidade científica, este conjunto patrimonial revelou-se, ao longo das últimas décadas de investigação, extraordinariamente mais extenso e complexo do que esses “ativistas do património” podiam imaginar.

Esta luta criou memórias e aprendizagens que jamais seriam esquecidas por estes jovens, ajudou a preservar um património único no mundo e alterou definitivamente o rumo da arqueologia e da proteção do património em Portugal.

Nota Final

O 50LAYERS é um projeto de memória e de construção coletiva. As atividades previstas têm com objetivo promover uma arqueologia mais consciente do seu papel na sociedade. Através da articulação entre investigação, debate e participação

aberta à comunidade profissional, queremos dar a compreender a prática arqueológica como espaço onde se entrecruzam ciência, cidadania e ética.





Anastasia Ax & Lars Siltberg. *EXILE*. Museu de Arte Contemporânea de Serralves, 19 de Setembro de 2015.